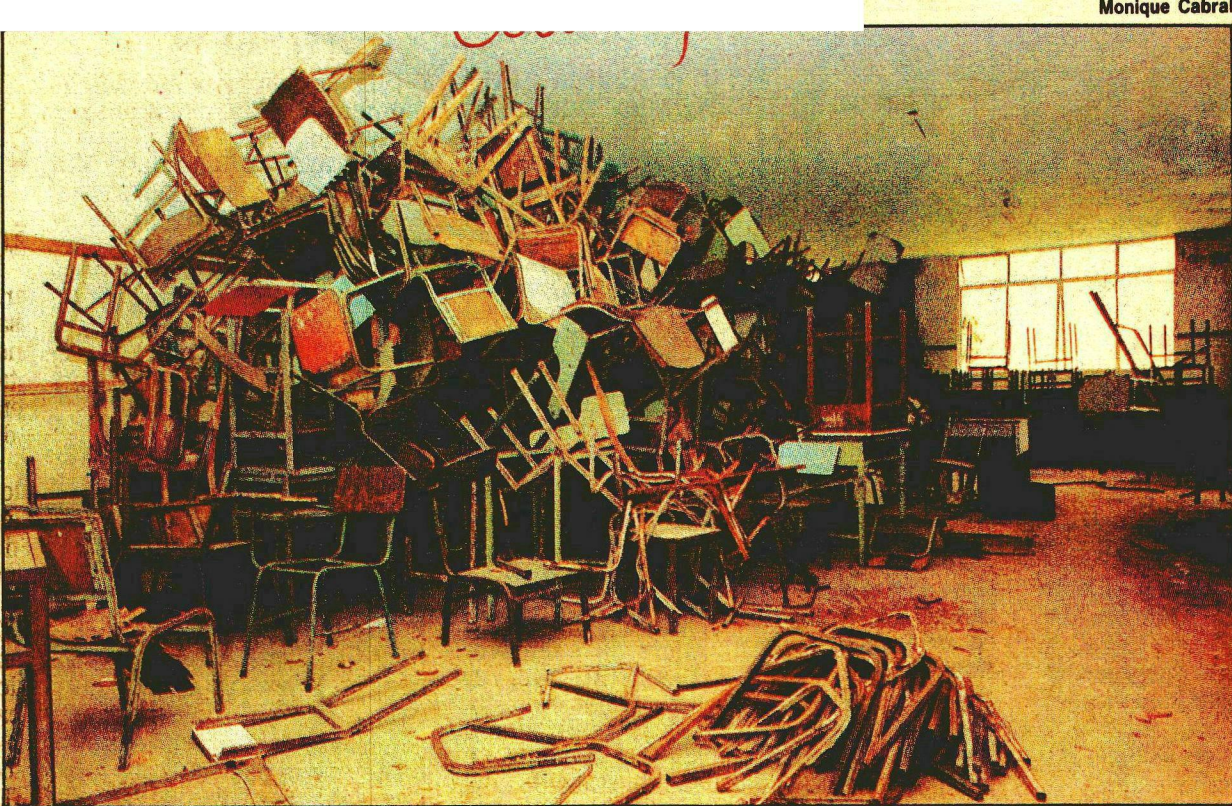
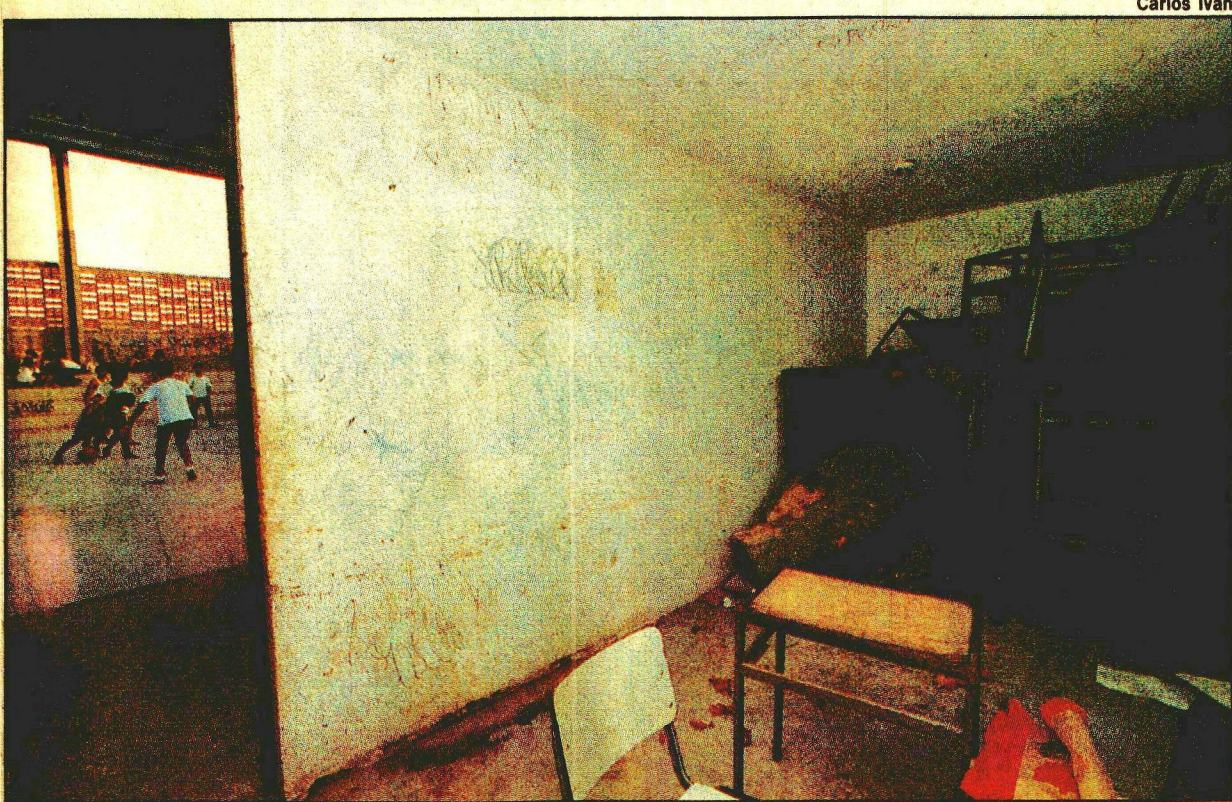




No Instituto de Educação Sarah Kubitschek, uma das salas é usada como 'cemitério' de carteiras quebradas



No Colégio Estadual Trasilbo Filgueiras, sobram carteiras quebradas e faltam mesas e cadeiras para os alunos

Sem manutenção, escolas ameaçam cair

TÂNIA NEVES



A falta de manutenção constante nas escolas públicas tem levado muitas delas a um estado tal de precariedade que somente reformas gerais dariam jeito; mas, se até pequenos reparos são difíceis de conseguir junto à Prefeitura e ao governo do Estado, pior ainda quando a necessidade é de recu-

peração total. Interditado em agosto de 1991 depois que uma das paredes balançou e ameaçou cair, o Colégio Estadual Central do Brasil, no Méier, está sem obras e funcionando em estado precário até hoje: os alunos têm aulas no auditório do prédio anexo. No Instituto de Educação Sara Kubitschek, em Campo Grande, várias salas estão desativadas, as paredes estão tomadas por infiltrações e o sistema hidráulico vive com problemas, sem contar que móveis e equipamentos já viraram sucata por falta de manutenção.

— Nós recebemos da Secretaria de Educação a notícia de que a escola é uma das que encabeçam a lista de prioridades para o início do próximo ano. Ainda bem que a reforma geral vai sair, porque é impossível manter essa situação por mais de alguns meses — disse Mirene Isaías, diretora adjunta do Segundo Grau do Sara Kubitschek.

A repreensão que Mirene Isaías teve que ouvir da diretora da Agência de Administração Escolar 05, que funciona no mesmo prédio da escola, por ter recebido uma equipe de reporta-

gem do GLOBO e mostrado os problemas que enfrenta, deixa a desconfiança de que não são apenas técnicos os critérios para o início de uma reforma, mas principalmente políticos. Segundo Graça Lucena Tavares, que tratou a diretora adjunta do Sara Kubitschek com grosseria diante dos repórteres, “se sair essa história no jornal, a reforma pode ir por água abaixo”.

— Eles vão achar que foi a escola que convocou a imprensa para fazer queixa. E isto não é bom no momento atual — disse Graça, mesmo depois de infor-

mada que a iniciativa havia partido dos repórteres.

No Colégio Estadual Trasilbo Filgueiras, em São Gonçalo, a dança das cadeiras tem hora certa: no início de cada turno, os alunos de algumas turmas têm de apanhar cadeiras em outras salas. Com dinheiro arrecadado em festas, a escola conseguiu comprar madeira e restaurar vários conjuntos de mesas e cadeiras, mas não em número suficiente. São 2.866 alunos distribuídos por 61 turmas, em três turnos. O prédio, construído há 26 anos, precisa de reformas.

Nas dez salas do andar térreo, vidros, telhas e portas estão quebrados; há ninhos de passarinhos em cima das luminárias; e a fiação dos interruptores está exposta. Em algumas salas, há rachaduras nas paredes.

No segundo pavimento, o entupimento causou a interdição de oito banheiros. Também com recursos próprios, a escola comprou bebedouros e dois ventiladores. Apenas uma sala, no andar térreo, está pintada, porque as 11 alunas do curso de formação de professor lixaram e depois pintaram as paredes.

Quadro negro

No labirinto das salas, aulas interrompidas

Monique Cabral



Escola Joaquim Peçanha: sala de oito metros quadrados, sem ventilação

Em Caxias, a Escola Municipal Joaquim da Silva Peçanha ocupa há 44 anos um prédio que não oferece mínimas condições para o funcionamento de um colégio. Das quatro salas existentes, três são conjugadas: o aluno da segunda sala tem que passar por dentro da aula da primeira e o aluno da terceira é obrigado a interromper as aulas das outras duas. Com um agravante: as salas são tão pequenas e tão cheias de mesas e cadeiras que é impossível passar sem fazer estardalhaço e incomodar. A quarta sala da escola, embora fique isolada, obriga os 38 alunos a ficarem espremidos nos oito metros quadrados de área sem ventilação.

As instalações elétricas não passam por dentro das paredes, mas por fora, como em barracos. Além disso, têm numerosas emendas que representam perigo constante de curto-circuito. As instalações hidráulicas também são precárias. Apesar do quadro deprimente da infra-estrutura, a organização e a boa arrumação da Joaquim da Silva Peçanha parecem como prova do esforço dos professores.

Segundo Nádia de Aquino

Simões, diretora do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação em Caxias, a Joaquim da Silva Peçanha consta de uma lista encaminhada em 1989 à Prefeitura com os nomes das escolas que precisavam de reforma. A maior parte das escolas listadas foi recuperada, mas tanto aquela

quanto duas outras em estado também precário ficaram de fora. Nos fundos da Escola Municipal Ana Néri, um barranco ameaça desabar cada vez que chove forte. A chuva também deixa à mostra os problemas enfrentados pela Escola Municipal Sergipe: todas as salas ficam alagadas.

Unificado tem baixa relação candidatos/vaga

Dos 13.150 candidatos inscritos no Vestibular Unificado da Fundação Cesgranrio, 3.865 (cerca de 30%) só precisarão tirar nota diferente de zero e não faltar a qualquer prova para conseguir classificação. Em 23 das 29 carreiras, a relação candidatos/vaga é inferior a um. O concurso reúne 13 instituições particulares e apenas uma pública, a Escola de Formação de Oficiais da Polícia Militar. No Vestibular Unificado anterior, em dezembro, não foram preenchidas cerca de cinco mil das 12 mil vagas.

Oficial da Polícia Militar é o curso mais disputado: 644 inscritos para 40 vagas, o que dá uma relação candidatos/vaga de 16,1.

Medicina, que registrou o maior número de inscrições (3.758), aparece em segundo lugar, com 490 vagas e uma relação candidatos/vaga de 7,7. Em terceiro lugar ficou odontologia, com relação de 5,9. Os outros três cursos que têm relação candidatos/vaga superior a um são ciências da computação/tecnólogo em processamento de dados e direito (1,2) e comunicação social (2,3).

Engenharia, que já ocupou os primeiros lugares na disputa de candidatos ao vestibular, tem apenas 809 inscritos para 1.500 vagas, o que dá uma relação de 0,5. O menor número de inscrições foi em biblioteconomia e documentação: dois candidatos

para 240 vagas. Este e o curso de história — 21 candidatos para 450 vagas — são os que têm relação igual a zero.

Na opinião do coordenador acadêmico do concurso, Paulo Edler, o reduzido número de inscrições é reflexo da crise econômica. Para Edler, as mensalidades das faculdades particulares podem ser justas, mas são muito altas em relação aos salários. A mensalidade do curso de medicina da Universidade Gama Filho, este mês, é de Cr\$ 1.907.562 — quase quatro salários mínimos e cerca de Cr\$ 200 mil a mais do que um médico do estado, do nível mais alto, ganhou em setembro (Cr\$ 1,7 milhão).

Cível. Ele concedeu liminar ao mandado de segurança impetrado pelo sindicato contra a liminar concedida por Chalub.

A assessora jurídica da Associação de Pais e Alunos do Estado (Apaerj), Francisca Petzel, lamentou a decisão. Agora, a entidade pretende assessorar Chalub, que deverá informar aos desembargadores os motivos que os levaram a decidir pelo recálculo das prestações. Depois de analisar as explicações, os desembar-

gadores julgarão o mérito do mandado de segurança impetrado pelo sindicato.

● **PROTESTO** — Cerca de 200 alunos do GPI de Cascadura fizeram ontem, em frente ao colégio, manifestação de protesto contra as mensalidades. Alunos do 2º ano do Segundo Grau grande, por exemplo, reclamavam e a mensalidades passaram de Cr\$ 424 mil, em setembro, para Cr\$ 580 mil.

Colégio 'órfão' lança campanha de adoção

Quando os pais morrem ou se omitem quase que por completo quanto à criação de seus filhos, resta a possibilidade de adoção. É o que está pedindo o Colégio Estadual Aurelino Leal, em Niterói: pessoas que o adotem. Sem material de limpeza e funcionários suficientes para dar conta de um prédio com mais de 15 salas de aulas e outras tantas utilizadas para atividades paralelas e administrativas, o Aurelino Leal tem conseguido se manter graças à ajuda de seus alunos e professores, que passam rifas, fazem festas, conseguem donativos e ainda pegam no pesado na hora de lavar e arrumar as salas da escola. Ainda assim, a ajuda é insuficiente.

— Lançamos a campanha de adoção imaginando que empresários e lojistas iriam contribuir conosco, mas isso não aconteceu. O pipoqueiro deu umas vassouras, alguns pais colaboraram e foi tudo. Estamos insistindo: precisamos de ajuda — disse a diretora da unidade, Maria Tereza Vilela Cristianes.

São apenas dois inspetores de manhã, três à tarde e três à noite. Os serventes são dois de manhã e apenas um à tarde e outro à noite. Depois que a escola foi invadida por uma pessoa suspeita, a diretora e os professores decidiram convidar um dos serventes da manhã para trabalhar à tarde como porteiro. Os professores pagam o salário dele.

UFRJ aplica amanhã habilidade específica

Os 2.045 candidatos ao vestibular da UFRJ inscritos nos cursos de artes, arquitetura, desenho industrial e música se submeterão amanhã ao teste de habilidade específica. Para os inscritos nos três primeiros cursos, o exame será aplicado no prédio da reitoria da UFRJ, na Ilha do Fundão. Para os que pretendem cursar música, o teste será na Escola de Música, à Rua do Passeio 98, com uma segunda fase dia 10.

Os testes de amanhã começarão às 8h, mas os candidatos devem chegar com uma hora de antecedência. Se o estudante faltar à prova, passará a valer a segunda opção. Se não houver, o candidato será eliminado.

Aos domingos, apenas duas linhas de ônibus passam pelo campus da Ilha do Fundão: a 911, que sai de Bonsucesso, e a 998, de Niterói. Só a primeira circula por todo o campus; a outra passa distante do prédio da reitoria. A UFRJ deverá pôr dois ônibus para circular pelo campus, a partir das 7h.

As provas durarão quatro horas. Os candidatos aos cursos de artes, arquitetura e desenho industrial deverão levar lápis ou lapiseira 6B (grafite macio), lápis de cera ou hidrocor ou lápis de cor, pastel (bastão de cera), estilete e cola.